



RUI MIGUEL ALMEIDA

Nascido em Coimbra em 1975, viveu quase sempre em Aveiro, que sente como a sua cidade. Aos 10 anos, pedia dinheiro para gelados e voltava com livros de quadrinhos. Aos 15, jurava a pés juntos jamais usar fato e gravata, casar e ter filhos. Passou bem ao lado de uma carreira no futebol, e ainda mais ao lado de outra no rock n'roll, após descobrir que era melhor a tocar uma régua de 50 cms que uma guitarra. Além da literatura, as suas grandes paixões são a música e a fotografia. Adora futebol, praia e viajar. Os seus primeiros textos foram poemas apaixonados, de onde transitou para os amargurados. Aos 18 escreveu o seu primeiro trabalho de ficção, ao qual foi somando vários outros, todos a repousar na gaveta. "O diário do meu suicídio" é a primeira obra que publica. Presentemente, usa fato e gravata, é casado e tem dois filhos. Há muito que deixou de jurar a pés juntos.

RUI MIGUEL ALMEIDA

O DIÁRIO DO
MEU SUICÍDIO

coolbooks

Aos irremediavelmente inadaptados

*Are we trigger happy? Russian roulette in the waiting room,
Empty chambers embracing the end,
Puzzled visions haunt the ripples of a trevi moon,
Dream coins for the fountain or to cover your eyes,
We reached ignition point from the sparks of pleasantries,
We sensed the smoke advancing from horizons,
You must have known that I was concealing an escape.*

Marillion, in Jigsaw

SETEMBRO

Três e um quarto da manhã. Estive quase duas horas a olhar para o papel. As palavras não saíram. Nunca me saíram a vida toda. E o branco do papel foi-se tornando enorme. Ameaçador. E foi ainda ontem. Tinha tomado a decisão como definitiva. Não haveria volta atrás. Subitamente, num desespero angustiante, peguei na caneta.

Pedir desculpa não servirá para nada. Muito menos pedir que entendam. Tenho um grande problema. O problema sou eu e concluí que não tem cura. Esta é a minha cura. A única que consegui. Só desejo que não se culpem. Nunca se culpem de nada. Não tem nada que ver com nenhum de vocês. Nunca teve. Eu não vos mereço.

Fiquei a olhar para o papel. Não pensava em coisa alguma. Perdi a noção do tempo. Os minutos passavam. Sem se denunciarem. Como nota de suicídio não estava mal. Foi o meu primeiro pensamento. Muitos outros se sucederam. Vagueando incertos. Sem rumo.

Não havia motivo para pensamentos. Não naquela hora. Não naquele local. Tudo estava decidido. Perfeitamente claro na minha cabeça. Restavam apenas alguns gestos mecânicos.

Pousar a caneta. Levantar-me da cadeira. Apagar a luz. A lua cheia daria a luz ideal. Caminhar até à janela. Puxar os estores devagar. Sem barulho. Abrir a janela. Empoleirar-me. E por fim, o fim.

Não fui capaz.

A verdade é que nunca o fui. Toda a minha vida se resume nisto: uma sucessão de desistências. De concessões. Nunca tive suficiente coragem para impor a minha vontade. Sempre cedi a interesses antagónicos ou, digamos, “superiores”. E sempre sem grandes resistências. Sem grandes lutas.

Tenho 38 anos. Há bastante tempo que a ideia de suicídio não me sai da cabeça. Julgo que será mais comum na minha idade pensar em trocar de carro. Ou arranjar uma amante. Nada disso me atrai. Morri para o mundo dos desejos.

Necessito de ajuda, concluí. Porém, após reflexão mais aturada, pergunto-me: ajuda para quê? Para ser capaz de suportar esta asfíxiante sucessão de dias?

O mal é meu, não é do mundo. Para quê curar-me, se não posso curar o mundo?

Sou um inadaptado. Irremediavelmente. O mundo, esta sociedade, tal como está organizada, nada me diz. Perco-me em estranhos modernos prazeres. Deixo-me levar por tantos outros que atravessaram os séculos. Inebrio-me nas drogas que o homem foi criando para ele próprio. No entanto, sinto-me vazio. Incapaz de amar. Incapaz de receber amor. De o reconhecer. De lhe dar valor. De o apreciar.

Haverá algo pior para um ser humano? Ser incapaz de amar? Não amo ninguém, nem mesmo a mim mesmo. Não o sinto, pelo menos. E quem escreve “não amo ninguém” é um amargurado e fracassado homem de 38 anos. Casado e pai de dois filhos lindos.

Casei cedo. Demasiado. Conheci a Helena na faculdade. Lembro-me perfeitamente desses tempos, pois foram tempos felizes.

Sou de Lisboa, mas entrei no curso de Português em Aveiro. Tinha 18 anos. Conheci a Helena no 3.º ano da faculdade. No fim do curso, tínhamos três tópicos de conversa: arranjar emprego, ter um cantinho para os dois e casar.

Ela foi a minha primeira e única namorada. Andei com algumas miúdas antes. Ou terão elas andado comigo. Mas foram sempre consequência de bebedeiras miseráveis. A Helena foi especial. Acordou-me para um mundo completamente diferente. Eu andava nas nuvens. Perdi, provavelmente, muitas amizades nessa altura, mas que diabo, a paixão é suposto ser cega, certo? E eu só a via a ela. Helena. Sempre a minha prioridade. O centro do meu pequeno mundo.

Tudo se precipitou. A Helena engravidou. Facilitávamos muitas vezes. Entrei em pânico. Faltavam-me duas cadeiras para acabar o curso. Ela, obviamente, tomou as rédeas da situação. Muito friamente, decidi pelos dois. Aborto estava fora de questão. Fez contas e mais contas. Com a ajuda inicial dos nossos pais, tudo se resolveria sem problemas, sentenciou. Vivemos os primeiros tempos em casa dos meus sogros.

Tantas histórias que me vêm agora à memória! A minha conversa com os meus pais. Comunicar-lhes que tinha engravidado a minha namorada. Que ia assumir a criança, casar dentro em breve e viver a minha vida em Aveiro. Tudo em dez minutos. A minha mãe, coitada, não foi capaz de dizer palavra. Anos e anos a criar um filho. A sonhar com planos para o futuro. E em dez minutos apenas, cheguei-me junto deles e, meio a gaguejar, atirei todas as suas ilusões para o lixo.

Voltei cedo da escola, por volta das cinco da tarde. Fui directo à arrecadação, como tinha planeado.

Limpei o pó a alguns caixotes. Trouxe-os para a sala e empilhei-os a um canto discreto.

Passei as horas seguintes a vasculhar no baú das memórias. Tantas as histórias que de lá saltaram! 38 anos, uma vida!

Tanta coisa desperdiçada. Tantas vivências que ficaram lá bem para trás. Tantas amizades esquecidas. Tantos telefonemas que se poderiam ter feito e que foram sendo sucessivamente adiados.

Ainda mais grave: tanto sonho ignorado! Tantos projectos abandonados. Tanta vontade de viver e experimentar a vida. Tantas sensações a desbravar. Tudo arquivado em meia dúzia de caixotes cobertos de pó.

Revi fotografias de férias antigas. De locais antigos. De pessoas antigas. De vidas que deixaram de estar presentes. Revi-me com 20 e poucos anos e não era eu. Não poderia ter-me tornado nisto. O homem que hoje sou não poderia nunca ter sido aquele miúdo das fotos. Nada de comum existe entre os dois. Chorei em abnegado silêncio a minha lenta degradação.

Tomei uma decisão durante o jantar dessa noite. A televisão fazia de mestre de cerimónias, como habitualmente. A conversa mais não era do que breves frases trocadas em segundos. A maioria não carecendo de resposta.

Ali, no meio da minha família, no meio da alienação de todos perante todos, decidi que ia escrever.

Confesso ser um dos meus sonhos abandonados: escrever. Desde puto que devoro romances. Sempre me fascinaram. Muito mais do que qualquer filme de Hollywood.

Decidi escrever. Tenciono fazê-lo freneticamente. Libertar-me dos fantasmas. Perseguem-me há bastante tempo. Basta.

Sei que daqui não sairá nenhum romance. Na melhor das hipóteses, uma torturante confissão. Julgo ter a secreta esperança de ser capaz, no fim deste tormentoso exercício, de rasgar tudo o que agora escrevo. Renascer. Quero renascer. Acordar para o mundo dos sentidos. Sim, é o que pretendo com estas linhas: terapia.

Talvez um dia seja capaz de escrever um romance. Talvez me habitue a este prazer solitário. De tal modo que não seja possível viver mais sem ele.

Não tenho outra alternativa.

Há 24 horas, debatia-me por escrever uma nota de suicídio. Queria, determinadamente, pôr fim a este jogo. Não tive coragem.

Terá sido melhor assim. Quero acreditar que sim. Compreendi que não consigo alterar o jogo da vida. Muito menos mudar o que ficou para trás.

Aceito o jogo. Declaro-o conscientemente. Mas, aceitando-o, jogarei, a partir de hoje, à minha maneira. O que implica não seguir as regras sempre que tal me pareça o mais conveniente.

Estou farto de viver. De sobreviver de dia para dia. Tem de existir algo mais do que isto. Algo que tenho de ser capaz de alcançar.

Onde foi que me perdi? Em que altura deixei de sentir? Quando optei por desistir?

Trinta e oito anos! E sou tudo aquilo que sempre jurei evitar. Um frustrado. Um resignado. Um filho do sistema. Um ser que vegeta de dia para dia.

Casado. Dois filhos adoráveis. Um emprego estável. Uma vida feliz. Diz quem vê de fora.

Completamente vazio, uma perfeita anedota, afirmo-me eu.

Dou comigo a duvidar que alguma vez tenha amado a mulher que dorme comigo todas as noites. Julgo-me incapaz de viver sem ela. Mas, o que sinto por ela? Amor? O amor não pode ser isto, valha-me Deus!

Habituei-me à Helena. A fazer amor com ela de forma automática. Exactamente da mesma maneira que centenas de vezes anteriores. Sem paixão. Quase sem desejo.

De manhã, trocamos um beijo insípido de bons dias. O mesmo beijo que se repete ao regressar a casa. A mesma ausência de sentimentos.

Deixámos de falar abertamente dos nossos problemas. Das nossas crises.

No meio, sempre presentes, os miúdos. Que vejo crescer dia-a-dia, de forma assustadora.

Transformaram-se num repente em estranhos. Não os reconheço, muitas das vezes. O que acontece cada vez mais. As suas atitudes. Os seus comportamentos. Poderão ser os meus filhos?

Já não são mais os meus meninos. Os meus putos maravilha.

São adolescentes mimados que temos de controlar. De saber gerir. De aprender a conhecer.

E eu já não sou o melhor pai do mundo. Sou o tipo a quem têm de dar a volta. Que têm de manter apaziguado. Satisfeito.

Foi, talvez, a maior desilusão da minha vida: perder o estatuto de melhor pai do mundo. Sim, eu fui o detentor do trono durante anos! Eu, e mais ninguém. Anos seguidos o campeão mundial...

Agora sou apenas o pai. Que se respeita. Que se evita. Que se controla e que se tenta conquistar. Quando é preciso, unicamente.

O papá está há muito esquecido. Enterrado para sempre. Será isto o que se entende por família? Quando se diz que um casamento tem altos e baixos, é em tudo isto que se pensa? Nesta ausência de tudo, neste vazio de sentimentos?

Ou serei eu? A culpa será minha? Serei um monstro? Estarei doente? Deprimido? Esgotado? Deverei procurar ajuda?

Para já, a minha solução é esta: os CD que me acompanham há anos. O bar abastecido. E estas folhas de papel. Que tenciono encher de disparates e lugares comuns. A altas horas da noite.

Não será grande solução, confesso. Mas a de ontem fracassou e, para a substituir, esta foi a melhor que me ocorreu.

Hoje de manhã, enquanto tomava um café e lia despreocupadamente o jornal, veio-me à memória algo que li há muitos anos. Ou teria sido num filme? Não sei já precisar. Assim como não sou capaz de identificar o seu autor. Terá sido uma entrevista a um escritor conhecido? A resposta, se a desconheço, também de pouco importa.

O que relembro vivamente é a descrição do acto de escrever. Esse escritor, do qual terei lido uma entrevista ou que foi personificado por alguém num filme, dizia que tinha de atingir o ponto máximo do êxtase. Tinha de se ultrapassar a ele próprio. Ao seu cérebro. Aí estaria realmente a escrever.

No momento em que a caneta desliza pela folha como louca demente, sem comando, sem voz de obediência, e em que se escreve sem saber o quê; aí sim, reside a verdadeira literatura. Tenho de reler o que escrevo e não saber como e onde o escrevi. Tenho de duvidar se terei sido realmente eu. Tenho de estar possuído. Caso contrário, tudo o que escreva é digno apenas do caixote do lixo.

Andava a estudar na altura. Esta foi uma daquelas afirmações que nunca me saíram da cabeça. Volta e meia relembro-a, sem saber muito bem porquê. Surge-me sempre como verdade indesmentível.

O tal escritor revelava ainda que nem sempre conseguia atingir esse ponto no seu inconsciente/subconsciente por si mesmo.

Precisava de estímulos. Daí as drogas. O álcool. Rematava com ironia, afirmando não ter a certeza se seriam dele ou de substâncias ilícitas as suas melhores passagens.

A verdade é que a angústia perante a folha de papel se torna

insuportável. Impossível de explicar a quem nunca tentou escrever. Será das coisas mais frustrantes pela qual um ser humano pode passar.

Ter as ideias na cabeça e transpô-las para o papel pode ser uma luta desgastante. Mais do que isso, pode ser humilhante. Porque nunca sai como se quer que saia. Porque se vão fazendo concessões ao papel. Sucessivas. Demasiadas. Intermináveis. Implacáveis.

Eu escrevo maioritariamente no computador. É-me mais prático. Tudo fica lá registado. Sem rasuras. Sem vestígios de sangue. No entanto, invejo fervorosamente aqueles que apenas conseguem escrever no papel. Penso sempre sobre o motivo. O que justificará esta suposta inaptidão. Acredito que só a deslizar a caneta no papel se consegue a libertação do eu na folha. Só nela verte o autor o seu sangue, e apenas nela entrega as suas lágrimas e deposita o seu suor. Há algo de irresistivelmente romântico no acto de lutar com uma caneta contra uma gigante folha de papel em branco.

Por vezes, ganha-se a batalha. A folha de papel cai por terra, vencida. O “momento”, quando chega e se apodera de nós, é sublime! O tempo pára e fica em suspenso. Não se ouve nada, não se vê nada. Há quem escreva em esplanadas. Escrevem, tenho a certeza, no maior dos abandonos.

Por mais que se escreva, o bom escritor terá de aprender, em primeiro lugar, a rasgar, a deitar fora, a dizer não e a começar de novo.

Não é por aí, porém, que quero ir. O que pretendo abordar são os estímulos. Por muito que se trabalhe, por mais aplicação e dedicação que se tenha, os estímulos ajudam. Podem fazer a diferença. Falo por mim, obviamente. O que sei é que o escritor cujas palavras ainda hoje recordo era premiado, respeitado e admirado.

Sempre precisei de desculpas. É a pura das verdades. A questão é esta: não é nada fácil! Já rasguei muito mais folhas do que imaginava e ainda estou a começar a minha autoflagelação. Lembro-me de escrever poemas em adolescente. Ficava horas a lutar com as palavras que ia desenhando no papel. Era terrivelmente angustiante. Acabava quase sempre por desistir, cansado. Concedia numa solução fácil, à falta de outra. Era humilhado. Copiosamente derrotado. Sem piedade.

Decidi dar agora uma oportunidade ao álcool.

Bebia muito na faculdade. Excessivamente. Lembro-me de quando atingia aquele ponto em que a bebedeira é, ao mesmo tempo, feliz e poeta, despreocupada e confiante. A transformação acontecia. Não existiam regras. Proibições. Tudo era permitido e tudo estava ao meu alcance.

Como testemunhas existem, na minha difusa memória, algumas raparigas das quais já não recordo nem nome nem rosto, e que hoje serão, com certeza, mães de família.

Saí da escola directo para o hipermercado mais próximo. Descubri uma moeda perdida num bolso, aconcheguei-a num carrinho e fi-lo rodar directamente para o sector das bebidas. Vagueei pelos corredores, inebriado. Hipnotizado por milhares de garrafas perfiladas como que numa parada militar.

Inexplicavelmente, senti vergonha. Como quem é apanhado num acto reprovável. Senti-me embaraçado por ter no carro apenas bebidas alcoólicas. E vendo bem, tinha-me excedido.

Lembrava-me das minhas noites de estudante como se fossem ontem. Os finos bebidos por palhinha ao cronómetro. Os *shots*. As misturas explosivas. As estonteantes quantidades de álcool ingeridas por noite.

Havia de tudo no carrinho. Dezenas de garrafas com dezenas de formas diferentes. Continham líquidos de dezenas de cores diferentes. A todas elas contemplei, ávido do prazer que sabia conterem. A todas elas fui incapaz de dizer não.

Quem me estivesse a observar enquanto percorria, descontrolado, as prateleiras das garrafas, o que mais poderia pensar senão que estava na presença de um alcoólico inveterado?

Apercebi-me da minha figura. Tive vergonha de mim mesmo.

A fim de amenizar as coisas, decidi alargar o leque das compras.

Como de costume, não tinha a mínima ideia do que fazia falta em casa. Decidi-me por aquelas coisas que são sempre boas para se ter. Fruta, iogurtes, bolachas, alguns doces.

Ao dirigir-me para o corredor dos chocolates, ainda com o carrinho a denunciar-me, dei de caras com a Sheila.

A Sheila é minha aluna. A minha preferida, para ser sincero. Não sei se acontece com os outros professores, mas eu sempre tive alunos favoritos. Este ano, e pela terceira vez consecutiva, era, por larga margem, a Sheila a eleita.

Frequenta o 12.º ano, tem 17 anos e é uma mulherzinha de sonho. Eu sou o professor de Português dela. É uma aluna muito aplicada, mas tem imensas dificuldades. A Português principalmente.

Os pais foram emigrantes durante muito tempo, o que fez com que a Sheila tenha nascido nos EUA e tenha vindo de lá com uns 12 anos, não estou bem certo.

Ao nível da escrita tem algumas lacunas graves, mas compensa-as com a sua aplicação. Contudo, o que me fascina nela é, sem dúvida, o seu lado sonhador.

Lê imenso. A uma velocidade espantosa. Muitas vezes, socorre-se de mim para obter comentários, críticas e sugestões.

Confessou-me uma vez que escrevia poemas e pediu-me para ler alguns e fazer uma crítica. Não queria aceitar, mas anuí, com receio de a magoar. Fiquei feliz por ter sido eu o escolhido, não o posso negar. Tinha a certeza absoluta de que nunca tinha mostrado os seus poemazitos a ninguém. Tinha razão, ela confessou-mo quando me entregou um caderno com bonecos na capa.

Li uma meia dúzia. Escreveu-os em português. O esperado. A alma sonhadora de uma rapariguinha de 17 anos. As primeiras paixões. As primeiras dúvidas. Crises. Antigas verdades e dogmas que se questionam. Enfim, há idades muito bonitas.

Não eram maus, não sendo propriamente poemas.

A Sheila não rimava. Tinha ritmo e objectividade. Como uma faca afiada, cortando a direito.

Sendo imensamente bonita e já dona de um corpinho bem definido, era alvo de muitas paixões lá na escola.

Certo dia, num dos nossos diálogos frequentes, mostrou-me uma carta numa caligrafia masculina. Uma declaração de amor. Há coisas que nunca se sabe onde vão parar. Deveria saber disso quando também escrevi as minhas, pensei divertido.

Queria um conselho: como fazer para não magoar este pretendente, que ela tinha em muito boa estima, mas pelo qual não nutria

o menor sentimento que fosse além de uma certa ternura e amizade. Achava-o muito criança, disse.

A Sheila corou quando me viu no hipermercado. Apesar disso, ao meu cumprimento de cabeça ela respondeu vindo até mim.

Olá, stor, por aqui?

Reparei que ela mirou de soslaio o meu carrinho, como que confusa.

Ena, stor, vai dar uma festa?

Sorriu. Dos sorrisos mais bonitos que vi nesta vida, um deles foi, sem dúvida, no rosto desta menina de 17 anos. Não admirava nada que metade da escola andasse de cabeça perdida por ela.

Não é o seu aniversário, que eu sei!

Sorri.

Sheila era minha aluna desde o 10.º ano. Agora, no início do 12.º, éramos, de certa maneira, íntimos. Pelo menos, muito mais do que aquilo que entendo dever ser o normal entre um professor e um aluno.

No 10.º ano, passou por uma altura muito difícil. Tinha ainda 15 anos e morreu-lhe a avó. Foi perto do seu aniversário. Apanhei-a a chorar numa aula. No fim, fui falar com ela. Falámos apenas cinco minutos, mas convidei-a para um lanche, meio distraído. Um destes dias, se quiseres, claro, vamos os dois lanchar. Falar faz bem e eu sou um óptimo ouvinte. Ela aceitou de imediato, para minha surpresa. Dois dias após ela ter feito anos, cumpri o convite. Fomos lanchar a seguir à escola, Português era a última aula. Ofereci-lhe um livro e um postal com uma dedicatória. A partir daí, recebo sempre um presente no Natal e outro nos meus anos.

Tinha recebido a mesada ontem e decidira comprar dois livros, explicou. Um de poesia e um romance. Nos hipermercados são mais baratos.

Acedi, divertido, ao seu pedido de ajuda. Subitamente acomedido de um excelente e inesperado bom humor, questionei-a sobre se tinha chegado a hora de abrir os portões do coração a alguém. Sheila corou de imediato e logo ali me arrependi de ter aberto a boca.

Porquê, stor?

Nada... um livro de poesia e um romance... dá para pensar em paixão à solta!

Sorri.

Fomos correndo as prateleiras cheias de *best-sellers*, trocando impressões e comentários sobre muitos dos autores.

A Sheila tinha de mim a ideia de um leitor compulsivo. Nunca fui capaz de a chamar à razão. A verdade é que se o tinha sido em tempos, já desde há muito que lia a espaços, um livro nunca me demorando menos de um, dois meses.

Fiquei agradavelmente impressionado com a quantidade de livros que ela tinha lido. Não era a aluna aplicada a tentar agradar ao stor. Via-se pelos seus comentários que tinha, de facto, lido os livros a que se referia. Lia-se a paixão pela literatura nos seus olhos grandes e expressivos. Como costume dizer: leu-os e viveu-os.

Escolhemos o livro de poesia e o romance. Ia retomar as minhas compras, que me pareciam agora ainda mais ridículas, mas a Sheila parecia relutante em dizer adeus.

Estava como que num sonho. Como se lhe tivesse sido concedida a graça de passar uns momentos com o seu herói. Lembrei-me de ter ido ver, quando tinha 17 ou 18, uma banda ao vivo. Ia com uns colegas um pouco mais velhos. Ficámos mesmo à frente, quase tocando nos músicos. Relembro vagamente uma sala cuja capacidade devia rondar as mil pessoas, se tanto. No fim, esperámos cá fora ao frio. Após uma interminável espera, a banda saiu. Entrei em transe. Durante um espaço de tempo que nunca saberei se durou dois minutos ou duas horas, tive autógrafos, fotos e conversei longamente no meu bom inglês de português com todos os membros da banda.

Durante mais de duas semanas andei como que noutra dimensão. Como que prolongando um sonho e recusando-me a acordar.

De início, era assim que me via perante a Sheila. Era o herói dela. O adulto que lhe mostrava livros e autores. Que a orientava na sua descoberta. Depressa ficou claro, no entanto, que eu era algo mais. Era a sua paixão. Secreta. Tão secreta que julgo ser o único que sabe dela.

Obviamente, a Sheila nunca mo confessaria. Perguntava por vezes a mim mesmo como tal seria possível. Uma miudita tão bonita apaixonar-se por um homem tão taciturno e reservado. Ainda para mais, durante tanto tempo. Com a frieza dos adultos, eu sei, porém, que o fim está marcado.

Na pior das hipóteses, no fim deste ano lectivo que ainda mal começou. A Sheila vai acabar o secundário e eu não mais a verei. O mais certo é entrar para a universidade, ir estudar para o Porto.

Fez-me uma pergunta sobre a matéria que tinha começado a dar nessa semana e eu, por minha vez, convidei-a para um café, que prontamente aceitou.

A caminho da caixa, passámos por uns espelhos. Passávamos perfeitamente por pai e filha. Lembrei-me imediatamente da Andreia, apenas alguns anos mais nova que a Sheila.

Encostei o carrinho a uma mesa da esplanada da zona de restauração. Estava pouca gente àquela hora. Pediu uma Coca-Cola, não tomava café.

Sorri, adivinhando que tal iria mudar com o tempo. Muito mais depressa do que ela poderia suspeitar.

Durante mais de meia hora tivemos uma conversa muito agradável, pontuada aqui e ali por aquele maravilhoso sorriso.

Tendo começado por algumas questões relacionadas com as minhas aulas de Português, rapidamente o tópico mudou para assuntos bem mais pessoais. A Sheila adquirira o hábito de me contar coisas da sua vida desde que a avó morrera, havia quase dois anos.

Eu sabia de assuntos sobre os quais, presumo, teria sido melhor nunca ter tido conhecimento. As discussões dos pais. As zangas com o irmão que fumava umas coisas. A sua virgindade por opção.

O que eu gostava mais, no entanto, era dos seus relatos acerca dos avanços dos rapazes. Ela sabia-o bem. Alguns desses miúdos eram igualmente meus alunos. Um deles, em particular, era um autêntico rufia, um *macho-man* insuportável. Ao vê-lo na sala de aulas, imaginava mentalmente as cenas que a Sheila me contava, o que muito me divertia.

Havia novidades no departamento dos corações partidos, como

eu lhes chamava. Desta vez era o Rui. Também era meu aluno, do 12.º tal como a Sheila, embora de outra turma.

Arranjou maneira de a conhecer, através de uma amiga comum. Isto depois de várias semanas de adoração secreta. Agora, aproveitava todos os pretextos para lhe falar, para estar com ela.

Tive pena do Ruizito, como eu mentalmente o tratava. Era um putito introvertido, mas muito inteligente. Estava a deixar crescer o cabelo e andava, por vezes, com uma *t-shirt* dos Doors. Eu adorava os Doors. A primeira vez que o vi com uma *t-shirt* deles na escola, cheguei a casa e fui logo procurar os CD que jaziam esquecidos. Aquela música a subir das colunas rejuvenesceu-me uns 15 anos naquele dia. Devo ter ouvido quatro ou cinco álbuns sem parar. Ganhei logo ali um apego enorme àquele putito.

Achei curioso que o Ruizito se interessasse por uma banda tão antiga. Era capaz de apostar que ele devia escrever às escondidas e que o sonho dele era ter uma banda *rock*. Sem ser um putito giro, também não era nada feio. Aparentemente, um miúdo perfeitamente normal.

Ao ouvir a Sheila tive, pela primeira vez, pena de um coração partido. Decidi prestar mais atenção ao Ruizito a partir de hoje.

A Sheila confirmou-me a sua timidez. Em compensação, tinha conversas bastante interessantes, embora por vezes um pouco estranhas.

Tinha-lhe dado a entender, na disfarçada, como ela dizia, que não sentia nada por ele e o Ruizito terá percebido a mensagem.

Adivinhei no putito uma alma sofredora que ia repisar aquela paixão ainda uns bons tempos.

Não sei ao certo o que levará a Sheila a fazer-me estas confidências. Segundo me conta, tem várias amigas que já iniciaram a sua vida sexual e que a gozam por estar sempre a rejeitar rapazes atrás de rapazes. Às vezes, na brincadeira, tratam-na por “tritadora” e dizem-lhe coisas infantis do género: Sheila, mostra-me o teu caixote do lixo!

Ela deixou de lhes contar os estragos provocados pelo seu coraçãozinho inocente. Encontrou em mim alguém que a sabe ouvir, introduzindo um pouco de humor nas desgraças amorosas que provoca.

Sempre me interroguei se não o faria também na vã esperança de

me provocar ciúmes. A simples ideia divertia-me. Para ser totalmente sincero, até gostava que essa fosse a sua real e secreta intenção.

O certo é que nunca senti qualquer tipo de ciúmes da Sheila. Meu Deus, era só o que me faltava! Pensei muitas vezes que um de nós estava 20 anos errado. Ela 20 anos atrasada ou eu adiantado. Porque, se da mesma idade, também eu sucumbiria ao poder daquele sorriso.

A verdade é que gosto que a Sheila goste de mim. Que esteja apaixonada, ao seu especial modo platónico, pelo stor de Português. Mais. Sempre que possível, tento alimentar essa paixão. Deitar lenha na fogueira.

Um dos truques que a vida me ensinou e que aplico de maneira inconsciente, ou nem tanto, é cortar a conversa com uma mulher no melhor ponto ou, quanto muito, num momento alto. Quando as palavras fluem, voando felizes de um lado ao outro, quando ambos estão a passar um óptimo bocado, deve ser sempre nossa a iniciativa de pôr um ponto final. Ao fazê-lo quando a conversa está interessante, dá-se à nossa interlocutora uma sensação de perda, por um lado, e, por outro, a vontade de retomar no futuro esta conversa boa. É este momento de bem-estar, de alma compreendida, que ela retém e lhe abre o apetite para mais. Quanto a mim, ao cortar a conversa, ao evadir-me, deixo um perfume de mistério, um indício de um tesouro a descobrir, alguém com segredos por revelar.

Apliquei esta velha técnica com a Sheila também por necessidade, a bem da verdade. Fazia-se tarde. Perguntei-lhe como ia para casa, adivinhando de antemão que teria vindo a pé.

Ofereci-lhe boleia, como quem faz uma concessão. Iria dar-lhe o prazer de andar no carro do stor. De ouvir pelo caminho a música de que o stor gosta.

Ela aceitou, não sem antes ter dito um: deixe lá, não lhe quero dar trabalho, com os olhos iluminados.

Depois de a deixar em casa, e a caminho da minha, ia pensando mentalmente em desculpas para ter comprado tão grande dose maçica de álcool, quando de repente me lembrei: nem sequer tinha comprado o resto das coisas...

Terá passado seguramente uma meia hora desde que aqui me sentei. O cálice de vinho do Porto foi renovado duas ou três vezes, parece-me.

Não sei o que pensar. O certo é que os pensamentos vêm-me à cabeça a uma velocidade estonteante. Não sei o que fazer. Em mim, não é grande novidade.

Decidi escrever e as palavras, como seria de esperar, custam a sair.

O putto chegou a casa há cerca de hora e meia. Seriam umas três da manhã. A ser verdade o que disse, terá ido ao aniversário de um amigo.

Apanhou-me acordado. Ia a esgueirar-se para o quarto quando o chamei.

Estava bêbado. E a tresandar a ganza. Um putto de 15 anos.

Na net a estas horas, pai?

Não o contrariei.

Imediatamente um pensamento me ocorreu: vou massacrá-lo! Não como a Helena o faria. Um massacre à minha maneira.

A verdade é que me deu um certo gozo. Fingi não reparar naqueles olhos vermelhos esbugalhados. No tom ligeiramente arrastado da sua voz. Puxei por ele. Fi-lo falar. Sou um autêntico relações públicas, quando quero.

Fomos para a cozinha, o putto disse que queria ir beber leite.

Sorri, mas mais uma vez não o contrariei. Princiante, pensei. A beberes leite em cima do álcool e da ganza... é bem feito, meu morcão!

A conversa foi bastante banal. Onde foste? Com quem? Ai sim? Nunca mais o vi, que tal está? Em que ano anda? Sim senhor. Onde fica esse bar? Ah, já sei! Como é que estava? E as miúdas, pá? Oh, um dia ainda me dizes que és paneleirote!

Com este putito acontece algo fantástico. Consigo falar com ele como se estivesse num monólogo. Como se limita a responder às perguntas que lhe dirijo, nunca com mais de meia dúzia de palavras, conduzo sempre a conversa para onde quero.

Enquanto o massacrava, pensei na quantidade de álcool que eu próprio tinha bebido nessa noite. Nada de exageros. Reconheci, porém, ser álcool suficiente para estar muito alegre. No mínimo. E a verdade é que me encontrava completamente sóbrio. Fiquei um tanto ou quanto chocado e surpreendido comigo próprio. Concluí não ser exemplo a apontar. Sabia, no entanto, que ninguém em casa desconfiava desta minha pequena fraqueza.

Tentava adivinhar o que o putito teria bebido. E em que quantidades. Desisti. Fez misturas, com certeza. De qualquer das maneiras, não estava assim tão mal quanto isso, pareceu-me.

Enquanto falávamos, recordei velhos tempos. Adivinhei um sorriso nos meus lábios que não tentei disfarçar. Ao fim de 20 minutos, o putito não deu sinal de fraco e decidi que já tinha tido a sua dose. Deixei-o em paz. Foi-se deitar. Tenho a certeza absoluta de que ficou na dúvida sobre se eu tinha topado ou não.

É estranho como todos os putitos pensam que os pais são uns antiquados, incapazes de os perceber. Soubesse ele da missa a metade.

Fui ao armário dos medicamentos e escondi todos os comprimidos para a dor de cabeça.

Sempre quero ver se dás parte de fraco amanhã de manhã, meu morcão, pensei com um sorriso malicioso.

O que poderia eu fazer?

A verdade é que fui apanhado de surpresa.

Tenho-me como um pai liberal. Demasiado, segundo a Helena. Odeio pais corujas. O que raio pode um pai fazer? Não suporto esses moralistas de trazer por casa.

Enfim, não me ralo nada em saber que o putito bebe uns copos.

Não quero, de maneira nenhuma, que os meus filhos sejam uns sonsos, uns desenxabidos. A vida é para se viver e umas borracheiras nunca fizeram mal a ninguém. Eu até sou da opinião de que fazem falta.

Triste é o que acontece aos miúdos que vivem debaixo das saias da mamã. Quando se apanham com uma ponta de liberdade, perdem-se em três tempos. Mais rápido do que o diabo esfrega um olho.

Confesso: até fiquei um tanto ou quanto orgulhoso. O meu putito está a ficar um homem! Se calhar, até já teve relações sexuais. Veio-me à ideia que o putito até é bastante engraçado. Deve ter umas tantas rapariguitas a suspirar por ele. Não me admirava nada. E não penso isto por o João ser meu filho.

A ganza é que me preocupa. Por vários motivos. Em primeiro lugar, se dá umas passas de vez em quando, também fuma cigarros. Será que fuma ocasionalmente ou já fuma com regularidade?

Isso preocupa-me bastante, por estranho que pareça. Eu odeio tabaco. É um vício estúpido. Para se beber ainda há desculpa. Uma pessoa liberta-se. Fica eufórica. Enfim, podia enumerar muitos mais motivos. Cada um deles uma suficiente justificação. Agora, tabaco?

O João não tem propriamente mesada. Quando precisa de dinheiro, pede. Eu e a Helena fazemos o nosso papel. Perguntamos para quê. Meio de forma automática. E o João fica com o dinheiro.

O que fazer de agora em diante? Cortar? Dar menos? Não vejo que fosse solução. Quanto muito, pedia mais vezes à mãe. E como não lhe vou contar nada...

Santo Deus, se a Helena suspeitasse sequer! Era uma daquelas tragédias gregas.

Porra, muito sinceramente, o que pode um pai fazer nos dias de hoje? Quanto a mim, apenas e só dar o exemplo.

Nem eu nem a Helena fumamos. Ela raramente toca em álcool. Pelo meu lado, tirando às refeições, não o faço à frente dos putos. Dou-me inclusivamente ao trabalho de ocultar o fluxo de entradas e saídas de garrafas. Mais pela Helena do que por eles, confesso, com um sorriso divertido a assomar-me nos lábios.

Que mal têm uns charros? Já toda a gente fumou um algures na vida. Ou esteve presente enquanto os amigos faziam uma rodinha.

Concluí que o João é como o *Savimbi*. O *Savimbi* foi o cão da minha vida. Era eu adolescente. Gerava-se uma guerra pegada lá em casa para o levar a passear. Eu, quer os outros aceitassem ou não, era o preferido do *Savimbi*. Sabia-o bem.

E quando passeávamos, sentia quando o cãozito me pedia mais trela. Confirmava-o quando alegremente abanava a cauda, assim que eu lhe concedia mais uns metros. O João é como o *Savimbi*. Agora quer mais trela.

Se eu não lha der, provavelmente não abana a cauda de contente e não é garantido que, ao contrário do *Savimbi*, não acabe por a arranjar.

Como proceder, portanto?

Vou dar trela ao João. Por esta vez passa. Provavelmente, outras irão passar. Pelo menos, deste grau de gravidade.

Apenas uma diferença em relação ao *Savimbi*: vou passar a controlar muito mais de perto as notas do puto. O seu desempenho escolar.

E à primeira escorregadela a sério, acabaram-se os passeios. Deito fora a trela e não sai mais à rua.

Mas para já, tenho dois assuntos urgentes a resolver: um CD novo que quero ouvir outra vez e o copo vazio, a olhar para mim, triste.

Pergunto-me o que será isso da normalidade? Que conceito abstracto é esse? De onde provirá? E porque o aceitamos como algo inteligível? Facilmente compreensível?

A normalidade é aquilo que queiramos que seja.

Convencionamos regras pelas quais regemos os nossos comportamentos. Mais ou menos rigidamente. Isto será a normalidade, porventura. O que é de se esperar. O que está mais de acordo com o estipulado. O comportamento mais frequente para cada tipo de situação.

A realidade não existe. É apenas ausência de fantasia.

Tenho um hábito que mantenho há anos. Aos domingos de manhã, compro sempre o jornal. Nunca falha. Colecciono notícias ditas anormais. Pequenas notícias locais, apenas. Muitas vezes não mais que dois ou três parágrafos sintéticos. São já milhares. Multiplicam-se domingo a domingo. Têm todas algo em comum: estão relacionadas com o ser humano. Com o seu estranho comportamento.

Mães que abandonam os filhos em caixotes do lixo. Maridos que matam as esposas a tiro. Ou à facada. Pessoas que disparam à queima-roupa sobre multidões e se entregam à polícia com uma serenidade impressionante. Homens que abusam de pobres criancinhas indefesas. Mulheres que vendem os seus próprios filhos. Padres que têm um sem número de amantes. Há de tudo. Para todos os gostos.

Infundáveis suicídios. De mil e uma maneiras. Saltam de pontes. Atravessam-se em frente a comboios. Envenenam-se. Enforcam-se.

Dão um tiro na cabeça. Mil e uma maneiras. Umhas mais originais do que outras. É só escolher.

Raptos. Assaltos. Desaparecimentos. Burlas. Falsificações. Mistérios. Milhares de histórias. Cada qual a mais burlesca.

Compro sempre o mesmo jornal. Ao recortar as notícias que me interessam, ocorre-me sempre a mesma ideia, que muito me diverte: uma única pessoa foi, durante estes anos todos, responsável pela recolha e publicação destas notícias. Se fosse verdade, o que seria neste momento a realidade para essa pobre criatura? O normal quotidiano?

É tão ténue a fronteira. A pessoa mais “normal” deste mundo. E de um segundo para o outro, *click!* Cometeu o acto mais “anormal” e inesperado. Acontece todos os dias. É “normal” isto acontecer. É “normal” as pessoas “normais” acharem “normal” que estas coisas aconteçam.

Normalidade? O que é isso? Apenas aquilo que queiramos que seja. É normal passar uma média de três a quatro horas por dia a ver televisão? Duas horas por dia em filas de trânsito? Os sábados enfiados no hipermercado? Domingos de Verão atafalhados numa praia? Ter um emprego das nove da manhã às sete da noite? Sim, é perfeitamente normal. Se assim o quisermos.

Somos todos imprevisíveis. Potencialmente perigosos para o próximo. Devemos esperar a maior das surpresas. Seja de quem for. Seja de que espécie for. E estar preparados para ela. Aceitá-la. Como perfeitamente “normal” e possível de acontecer.

Uma traição da nossa cara-metade. Um filho homossexual. Ou adicto a drogas duras. A falência da nossa empresa. A morte de alguém muito próximo e querido. Tudo é possível neste mundo. E tudo acontece.

Se apelar as minhas ditas “anormalidades” de “fraquezas”, confesso ter algumas. Parte delas muito pouco vulgares, apostaria.

Chamo-lhes “fraquezas” porque são inocentes. E secretas. Ninguém sofre com elas ou por elas. Excepto eu próprio, na pior das hipóteses.

Não resisto a fechar os olhos quando conduzo sozinho na auto-estrada de noite. Tem de ser na auto-estrada. Tenho de ir sozinho. Tem de ser de noite. O ambiente perfeito. Fixo a estrada à minha frente

e em seguida fecho os olhos. Sem tirar o pé do acelerador. Durante o maior tempo possível. É aí que reside o gozo. Ver até onde resisto sem abrir os olhos. Não creio que alguma vez tenha ultrapassado os 30 segundos. Deve ser um recorde pessoal muito fácil de bater. É, porventura, um suicídio bastante camuflado. Se embatesse nos rails laterais e tivesse um desastre brutal, viria escrito no jornal que com-pro ao domingo de manhã: condutor adormece e embate em rails a alta velocidade, tendo tido morte imediata. Algo que é “normal” que aconteça.

Porque faço isto? É simples: porque não consigo evitar. Dá-me prazer? Nem por isso. É algo para o qual não tenho explicação. Como quando perguntam ao miúdo de 16 anos porque é que matou a família toda à machadada e ele, muito calmo, diz: não sei, não tenho nenhum motivo.

Desde que nasceu o João, evito ao máximo conduzir sozinho à noite. Quando comecei a dar aulas, fazia muitas vezes a auto-estrada. Todos os anos era colocado numa terriola diferente. Foram anos difíceis. Principalmente para a Helena, coitada. Volta e meia lá vinha eu, de regresso a casa. À minha família. E não conseguia evitá-lo. Por mais que tentasse combatê-lo, era mais forte do que eu. Acabava sempre por ceder à tentação deste jogo estúpido. Ar-rependia-me ao pensar nas possíveis consequências. Imaginava um bebé órfão de pai e doía-me o coração. E na próxima oportunidade, numa outra noite a conduzir na auto-estrada, de regresso a casa para passar o fim-de-semana, fazia-o de novo.

Cheguei a percorrer centenas de quilómetros por estradas nacionais, pejudas de camiões a passo de caracol, apenas para não cometer a mesma “anormalidade” de sempre. Dava a desculpa de poupar nas portagens.

Curiosamente, nunca achei piada nenhuma a conduzir em contramão na auto-estrada. Penso que por implicar terceiros. Como se o que faço não implique. É diferente, contudo. Hoje em dia, confesso que não consigo andar na auto-estrada sozinho. Pelo menos à noite. Principalmente à noite.

Nunca partilhei esta minha “fraqueza” com ninguém. Não é nada “normal”, como conseguiria falar disto a alguém?

Acontece-me com frequência ser possuído por uma diferente percepção da realidade. Da minha realidade, quero dizer. Principalmente em insónias. Como se o meu cérebro fosse trocado por outro. Como se transitasse para uma outra dimensão. Como se estivesse a ver a minha vida do lado de fora. Ou num ecrã de cinema. Como diz a canção: *dreaming the dream that only the sleepless know*.

Tudo me parece, geralmente, um terrível engano: o meu emprego, a minha família. Um jogo sem sentido.

Toda a minha normalidade assume contornos de ridículo. Todos os pilares em que a minha vida assenta desabam estrondosamente. Simplesmente, acontece-me. De tempos a tempos. Preferia nunca ter vivido esta experiência. Nunca ter tido esta percepção. Que não quero pensar como verdadeira ou falsa. Isso não me importa mais. O mal é que tenho contacto com ela. Sei que existe e me visita amiúde.

Parece-me uma vã tentativa da minha alma em libertar-se deste incómodo corpo, tentando apanhá-lo desprevenido. Como se eu estivesse farto de ser eu. Ou, sendo eu, o quisesse ser noutra dimensão, noutro tempo, noutro contexto.

Existirão duas dimensões na nossa vida? Duas realidades paralelas? E nós insistimos em reconhecer apenas uma? Em viver apenas uma? Ou será que decidimos apelidar uma de realidade e a outra de sonho? Ou fantasia? Ou anormalidade?

A verdade é que nestes últimos tempos, desde que comecei a escrever, sinto-me a viver duas vidas. Duas normalidades. Distintas. Completamente. Tanto que, quando embrenhado numa, a outra parece deixar de fazer sentido.

Para estes casos, suponho que o “normal” seria procurar ajuda médica. Há pessoas que se recusam a abandonar completamente o seu lado criança. O seu lado irracional. Recusam-se, numa palavra, a crescer e a ter de assumir responsabilidades. Sim, sei o discurso todo de cor.

E se agora deixar de escrever no computador e me atirar da janela? Vou aparecer numa pequena notícia no jornal de domingo. Os meus amigos e conhecidos vão ficar chocados e comentar entre eles: Uma coisa destas! Quem diria? Logo de quem menos seria de esperar! Tinha tudo para ser feliz.